

PARA ALÉM DAS LIDAS DA CASA: trabalho e processos de subjetivação do feminino na pós-modernidade

BEYOND HOUSEHOLDS: work and subjective processes of the female in post-modernity.

Antonella Cabrini¹
Simone Chandler Frichebruder²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar a constituição do feminino em relação ao trabalho, tendo em vista os processos de subjetivação na pós-modernidade, verificando os aspectos relacionados ao paradigma do ser mulher e analisando como se dá a relação entre o trabalho e as demais vivências e sentidos conferidos pelo feminino. Para este estudo, utilizamos como abordagem o método qualitativo-exploratório e entrevistamos quatro mulheres, empregando a entrevista semiestruturada como instrumento para coleta de dados, sendo que o conteúdo obtido foi sistematizado em categorias e analisado posteriormente. Os resultados apontaram para uma visão das mulheres acerca da carreira profissional como relevante para a identidade feminina, porém sem abdicar da família e dos cuidados de si. As construções culturais de gênero e poder que influenciam as atuações no espaço do trabalho e do lar atravessam essas mulheres, que encaram preconceitos no campo laboral, exigências sociais de beleza, dupla jornada de trabalho e dificuldades em dividir as tarefas domésticas com os homens como presentes na esfera do feminino atualmente.

Palavras-chave: Feminino, Processos de Subjetivação, Trabalho.

Abstract

¹ Aluna do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cenecista de Osório

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Psicóloga na Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul - Professora da UNICNEC, simonefri@hotmail.com.

The present article aims to investigate the constitution of the feminine in relation to work, considering the processes of subjectivation in postmodernity, verifying the aspects related to the paradigm of being a woman and analyzing how the relationship between work and others experiences and senses conferred by the feminine. For this study, we used the qualitative-exploratory method as an approach and interviewed four women, using the semi-structured interview as an instrument for data collection, and the content was systematized into categories and analyzed later. The results pointed to a view of women about the professional career as relevant for the feminine identity, but without giving up the family and the care of self. The cultural constructions of gender and power that influence the work and home space activities cross these women, who face prejudices in the labor field, social demands of beauty, double working hours and difficulties in dividing domestic tasks with men as gifts in the feminine sphere today.

Keywords: Female, Subjectivation processes, Job.

Introdução

De prostituta à bruxa e de histérica à mãe, o lugar sócio-cultural da mulher sofreu constantes modificações ao longo da história. Se durante muito tempo a fragilidade, a incompetência e o espaço do lar eram encarados como destino e aspectos intrínsecos ao feminino, atualmente presenciamos transformações no paradigma do que é ser mulher, com cada vez mais mulheres presentes no mercado de trabalho e buscando qualificação, porém sem renunciar de questões igualmente relevantes para suas vidas, como a família e os cuidados de si.

As mudanças culturais na visão do feminino nos remetem ao continente europeu, a partir do século XVIII. A partir desta época observou-se um processo delineador das diferenças existentes entre homens e mulheres. A consequência desse percurso foi a consolidação da ideia de uma diferença naturalmente determinada, que passou a justificar

inserções sociais diferentes para homens e mulheres. A esfera de atuação feminina seria doméstica, com o argumento de que a mulher não era imperfeita, mas sim perfeita em sua especificidade: dotada de características físicas e morais específicas de seu sexo e condizentes com a função materna e a vida doméstica¹.

Porém, na sociedade pós-moderna atual, a associação do feminino à maternidade já não é capaz de definir as mulheres, ainda que esteja presente no imaginário social. Surge então um novo ideal de mulher, aquela que é capaz de conciliar seus desejos com todas as exigências sociais colocadas sobre ela. Ser bonita, magra, bem-sucedida profissional e financeiramente ao mesmo tempo em que é mãe e esposa dedicada.

Atualmente, a ampliação do horizonte feminino para além da esfera doméstica abriu novas possibilidades subjetivas e expectativas de vida para as mulheres. Na pós-modernidade, houve um rompimento da lógica conservadora baseada no paradigma de sociedade em que o homem é responsável pela vida pública e suporte financeiro, enquanto a mulher é a responsável pela casa e pelos filhos. As mulheres passaram a poder transformar sua capacidade desejante em querer múltiplos e diversificados¹.

A partir desta realidade, o presente artigo teve como finalidade verificar os aspectos relacionados ao paradigma de ser mulher na pós-modernidade e analisar como se dá a relação entre o trabalho e as demais vivências e sentidos conferidos pelo feminino.

A escolha do tema se deve pelas constantes modificações do paradigma do feminino na cultura, haja vista a multiplicidade de possibilidades de se inscrever sócio-culturalmente como mulher. Além disso, destaca-se a importância de entendermos quem é a mulher inserida no mundo do trabalho atualmente para que se possam ampliar as possibilidades de recursos de apoio para as mulheres que buscam melhores oportunidades profissionais em proporções de igualdade com os homens, porém sem diminuir ou perder a sua qualidade de vida pessoal.

Visando atender os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres alunas do Centro Universitário Cenecista de Osório a respeito dos temas: ser mulher, mundo do trabalho e exigências sociais em relação à mulher.

Os resultados obtidos demonstram que o trabalho aparece nos discursos das entrevistadas como de grande relevância para a identidade dessas mulheres, sendo que cobranças sociais a respeito da conciliação e da excelência nos campos do trabalho, da família e em relação a padrões de beleza se mostram presentes na esfera do feminino.

Metodologia

Para atender os objetivos deste estudo, escolheu-se o método de pesquisa qualitativo, com caráter exploratório. A pesquisa qualitativa tem o escopo de tentar compreender os fenômenos humanos e sociais, isto é, as relações de significado². Já a pesquisa exploratória tem como principal intuito desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores³.

A pesquisa deste estudo foi desenvolvida a partir de entrevistas com mulheres com faixa etária que variou entre 21 e 55 anos. As entrevistadas foram escolhidas de forma aleatória, numa amostra total de quatro sujeitos. O estudo desenvolveu os itens do questionário semiestruturado composto por doze questões e criado para esta pesquisa.

Os encontros foram marcados antecipadamente em locais da melhor conveniência para as entrevistadas. Inicialmente, explicávamos o objetivo da pesquisa e qual seria sua participação. Posteriormente, solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram elaboradas com o objetivo de abordar os temas que respondam aos objetivos desta pesquisa. Assim, elencamos os principais aspectos em categorias, são elas: ser mulher na pós-modernidade, mundo do trabalho e exigências sociais em relação à mulher, como casamento, maternidade, letramento, lazer e ideais de beleza.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para facilitar a análise do seu conteúdo, mas as entrevistadas também poderiam fazer comunicações com o gravador desligado, se assim o desejassem.

Na realização desta pesquisa científica utilizamos o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin⁴. Os procedimentos metodológicos para a busca dos resultados da pesquisa seguiram as etapas propostas por Bardin, organizando-se da seguinte forma: pré-análise da transcrição das entrevistas; exploração do material a partir da leitura aprofundada das transcrições e posterior registro das informações extraídas; e, finalmente, o tratamento dos dados e a interpretação das categorias de análise⁴.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Cenecista de Osório, obtendo sua aprovação através do parecer número 2.569.183.

Apresentação dos resultados

Foram entrevistadas quatro mulheres, com faixa etária que variou entre 21 e 55 anos. Das quatro entrevistadas, duas eram casadas e duas solteiras. Das casadas, apenas uma possuía filhos. Todas residiam na área urbana de municípios distintos do litoral norte do Rio Grande do Sul. Três das participantes tinham ensino superior incompleto, alunas do curso de Psicologia do Centro Universitário Cenecista de Osório, e uma ensino superior completo, graduada em Recursos Humanos pela mesma instituição. Uma estava desempregada e as outras três trabalhavam fora do lar exercendo as seguintes profissões: vendedora, balconista e estagiária de psicologia.

A partir dos relatos das entrevistadas, elencamos três categorias para apresentar os resultados obtidos.

I- A mulher múltipla

A emancipação feminina, que repercutiu diretamente no comportamento das mulheres nas últimas décadas, é consequência de sua entrada no mundo do trabalho. É notório que, na atualidade, as mulheres buscam uma identidade profissional, já que passaram a ser reconhecidas pelo que fazem e não mais apenas pelo que “naturalmente” podem ter. A possibilidade de reconhecimento, investimento e satisfação pelo trabalho torna esta vivência

cada vez mais atrativa e recheada de sentidos, exigindo maior energia, mas se colocando também como fonte de prazer⁵.

Com base nisso, foi possível perceber nos relatos abaixo que a identidade feminina está intimamente ligada à representação de força, perseverança e à independência financeira, conquistada através do trabalho:

Ser mulher (...) é ir atrás dos meus objetivos, é não depender de homem, de uma mãe pra se sustentar e fazer as coisas sem medo por ser uma mulher. Tu poder trabalhar, poder estudar, poder crescer, poder ganhar mais do que um homem (...) ou a mesma coisa. Não ser menosprezada por ser uma mulher, foi isso que eu quis dizer (22 anos, desempregada, casada).

Ser mulher é uma representação de força, de esforço, de dedicação, de batalhas e de desafios diferentes todos os dias (...) no trabalho, casa. Então ser mulher é ter na sua vida a questão de enfrentar desafios, né? (22 anos, balconista, solteira).

Eu acho que é uma autoestima da mulher, pelo menos pra mim é uma autoestima. Eu estou trabalhando, eu tenho o meu dinheiro, eu posso fazer o que eu quiser, como eu bem entender. Eu não preciso depender dele, sabe? (22 anos, desempregada, casada).

A assunção, pela mulher, deste novo papel social de profissional com carreira não modificou sua identidade, apenas a ampliou. Além de mães e esposas, atualmente as mulheres também são donas de casa e profissionais. A dupla jornada passou a fazer parte da esfera feminina, fenômeno significado no cotidiano pelo termo “supermulheres”⁶. Podemos perceber esse fenômeno no relato de uma das entrevistadas:

Se tu vive em um relacionamento com alguém, tu não deveria ter que tomar as responsabilidades tudo sozinha. ‘Ah não, mas ele bota dinheiro pra dentro de casa’, tá e o resto das coisas tu tem que fazer? Ah, tem que ser a Mulher-Maravilha. Não é ajudar, é (...) viver em parceria. (...) O filho ela não fez sozinha.. (...) O filho, contas,

dívidas, essas coisas assim ela não tem que dar conta de tudo sozinha, ela tem que ter alguém com quem ela possa dividir (22 anos, balconista, solteira).

Desta forma, a divisão sexual do trabalho doméstico e as diferentes atribuições de acordo com o gênero relacionadas com o trabalho de reprodução cotidiana da vida social se mostram como um dos aspectos menos permeáveis às mudanças que marcam a sociedade atual⁷. Vejamos os relatos de uma das mulheres ouvidas:

Eu tenho na cabeça, a minha família toda é assim, que é a mulher que tem que arrumar as coisas dentro de casa. Então é meio que uma cultura assim, que tipo, não vai ser assim lá em casa. Por isso é que é meio dividido (...). É isso que eu falei de ter uma troca, mas daí ele não faz a tarefa e eu vou fazer e sei lá... 'Não é obrigação tua'. Antes eu pensava assim, mas depois que ele começou a fazer mais eu 'não, é obrigação tua sim'. E ele pegava e fazia (...). E daí depois foi tipo, tu tem que fazer senão não vai ser feito (22 anos, desempregada, casada).

Porque quando eu parei de trabalhar do outro emprego (...) eu fiquei, meu Deus, olha só que loucura que é isso: já que eu não posso trazer dinheiro pra dentro de casa eu tenho que limpar essa casa, deixar um brinco. Tenho que fazer uma comida muito melhor, eu tenho que passar as roupas dele, sabe? E daí quando eu tava trabalhando eu pensava não, eu não preciso passar as roupas dele, sei lá, eu ajudo com dinheiro, sabe? (22 anos, desempregada, casada).

Neste sentido, em uma pesquisa realizada por Jablonski⁸ concluiu-se que anos de socialização distinta, em consonância com a perspectiva de gênero, parecem ter condicionado, mesmo em mulheres de alto nível de escolaridade, de classe média e atentas aos discursos da pós-modernidade, a noção mais tradicional de que tarefas domésticas não precisam mesmo ser divididas igualmente entre os sexos. Assim, embora se mostre injusta, a visão de que o homem apenas “ajuda” a companheira quando efetua tarefas no cuidado da casa e da família aparece no relato desta mesma mulher:

E ele me ajuda muito assim, em questão da casa, sabe? Quando eu tenho, sei lá, alguma prova, uma coisa, ele me ajuda muito em tudo. Às vezes eu até brinco que parece que ele não existe (22 anos, desempregada, casada).

A partir dos relatos das entrevistadas, percebe-se que a mulher pós-moderna, sem abdicar das conquistas modernas, busca dar novos significados aos valores tradicionais. Ela preocupa-se com a aparência, porém se recusa a ser um ornamento do homem, vitrine de exibição do poder pecuniário e do estatuto social masculino. Mesmo possuindo como meta essencial a emancipação e satisfação profissional, intelectual e cultural, esta mulher híbrida não dispensa valores como amor, companheirismo, busca de complementaridade, filhos e conforto doméstico e pessoal, equilibrando-se entre essas figurações, sem submeter-se às tiranias do papel de senhora do lar⁹:

A mulher tem que ser mãe, ela tem que ser irmã, a questão familiar, tem que ser filha, tem que ser profissional e tem que ser mulher, pra ela mesma, tem que ter um autocuidado. Então ela tem que depositar os desejos dela (...) nessas quatro coisas e não só depositar tudo no trabalho porque ela pode se frustrar, nem só na família porque ela pode se frustrar também e nem só nessa questão pessoal, do corpo ou da estética, por exemplo. Ela tem que saber que ela (...) consegue fazer todas essas coisas que ela deveria ser e fazer (22 anos, estagiária de psicologia, solteira).

Assim, trabalho, lazer e prazer tornam-se inseparáveis do desejo por um espaço de vida por si e para si. Embora faça da realização íntima uma das finalidades fundamentais da existência, esse individualismo hedonista não se confunde com o individualismo egoísta ou exclusivista, pois o culto à livre disposição de si não se dá no isolamento, mas no seio da família; as aspirações à autonomia subjetiva não abdicam da sexualidade, e o governo de si não prescinde dos laços indelévels com os filhos⁹. Desta forma, o desejo por uma carreira

profissional não exclui, necessariamente, o desejo pela construção de uma família, como o relato de uma das entrevistadas nos mostra:

Tem que ser algo dividido, pai e mãe. Eu não deixaria de trabalhar pra ter uma família porque o trabalho faz parte da minha vida e acredito que, de certa forma, ele diga algo sobre mim, né? Então eu tentaria conciliar, de forma tal que coubessem essas duas coisas (trabalho e família) na minha história (22 anos, estagiária de psicologia, solteira).

II- Mundos tão diferentes, uma única mulher: maternidade e trabalho

Apesar de todo o aparato juslaboralista relativo à proteção da trabalhadora enquanto mãe e da inegável evolução histórica representada, é perceptível que os moldes atuais do direito do trabalho ainda não são adequados para romper com as barreiras que impedem a manutenção e o crescimento da mulher no mercado de trabalho, o que provém de seu viés maternalista, que despeja praticamente todas as responsabilidades familiares sobre as mulheres, tornando-as sobrecarregadas e, conseqüentemente, não competitivas¹⁰.

Neste sentido, quando questionadas acerca de preconceitos em relação à mulher, nossas entrevistadas relatam discriminações sociais envolvendo a maternidade, vista, muitas vezes, no mundo laboral por um viés biologicista e patriarcal que confere a ela um status de doença ou como um prejuízo de tempo e dinheiro à empresa, fato que não ocorreria, por exemplo, com um pai:

(...) Não é só o preconceito dela ser mulher, mas por todas as conseqüências que vêm junto do fato de ser mulher. De ter filhos (...) ou de ser mãe solteira, porque se é um pai solteiro, tipo, parece que aquele homem não tem problema nenhum. Um pai solteiro que vai ser contratado, lindo e maravilhoso, porque qualquer outra pessoa vai cuidar (22 anos, desempregada, casada).

Sim, o maior preconceito que eu acredito é que as mulheres são mães. E a gente sabe que hoje em dia a mulher tira a (...) licença maternidade (...) e as pessoas acreditam que pode prejudicar a empresa, mas esse é um direito dessa mulher (22 anos, estagiária de psicologia, solteira).

Acerca da maternidade, a literatura aponta que os atuais moldes da licença para o cuidado dos filhos, apesar de objetivarem a proteção de mãe e filho, reforçam a divisão sexual do trabalho. Isso porque, enquanto a licença maternidade é de cento e vinte dias, a previsão constitucional da licença paternidade é de sete dias, o que impede a livre opção pelo cuidado da criança, impondo jurídica e oficialmente o dever de cuidado do recém-nascido à mulher. O modo como a legislação trabalhista trata esta questão, como de responsabilidade exclusiva da mulher, ignorando a participação do homem e o interesse estatal na reprodução da força de trabalho, reforça o preconceito de empregadores na contratação de mulheres, principalmente em idade fértil¹⁰.

Assim, muitas mulheres de gerações passadas, justamente por questões financeiras e por dificuldades em conciliar o papel de mãe com a carreira profissional ou com os estudos, optaram por aventurar-se novamente no âmbito estudantil ou no mercado de trabalho apenas depois que os filhos estivessem “encaminhados” na vida. Vejamos o relato de nossa entrevistada:

Eu pensei em casar, pensei em ter um filho, mas tive três. Mas eu sempre pensei em estudar, em fazer alguma faculdade, mas não deu. Aí gente colocou as filhas pra estudar e, quando a segunda tava quase se formando, aí eu pude fazer uma faculdade (55 anos, vendedora, casada).

Para uma das mulheres ouvidas, ainda sobre a maternidade, o adiamento de ter filhos em função da busca pela estabilização financeira e pela construção da carreira profissional é uma realidade em sua vida:

Daqui uns 10 anos, depois que já tiver formada, já tiver estabilizada, quando já tiver com uma casa. Depois, a última coisa assim, que não tiver mais nada pra fazer na vida, ter filhos. Porque é uma coisa que, querendo ou não, é egoísta pensar, mas que vai me tirar muitas coisas da minha vida que eu tenho hoje. (...) E eu não vou fazer um filho pra outras pessoas cuidarem; não vou fazer um filho pra minha sogra cuidar, não vou fazer um filho pra minha mãe cuidar. Quando eu tiver um filho quem vai cuidar vai ser eu (22 anos, desempregada).

Atualmente, o adiamento da maternidade tornou-se um fato comum entre as mulheres com uma carreira profissional. Há uma coincidência entre os melhores anos na vida da mulher para a construção e consolidação de uma carreira e os melhores anos para que ela possua filhos. Desta forma, as mulheres engajadas em sua ascensão profissional muitas vezes não querem interrompê-la em prol da maternidade, já que ambas exigem uma dedicação quase que integral. Portanto, a maternidade acaba por ser postergada ¹¹.

Porém, no relato desta mesma mulher, percebe-se que, embora a maternidade não seja encarada como o único destino social possível para as mulheres, devido à multiplicidade de escolhas de inscrever-se socialmente como mulher atualmente, antigos valores permanecem no imaginário social:

(...) Daí eu ficava muito pensando assim, tipo, eu nasci numa família grande, sabe? E daqui a pouco eu seria quem romperia isso, sabe? Só que é muito isso assim, de por que trazer uma criança pra esse mundo que eu não sei como que vai tá daqui pra frente (...). Seria um corte, eu faria um corte da família grande, sabe? (22 anos, desempregada, casada).

Neste viés, ao mesmo tempo em que há um incentivo à profissionalização da mulher e uma cobrança por parte dos pais e da sociedade para que as meninas estudem e invistam em uma carreira profissional, permanece a expectativa de que um dia elas venham a cumprir seu “principal” papel, o de uma boa mãe ¹¹. Vejamos o relato de um das entrevistadas:

Tu tem que educar bem teu filho: teu filho tem que se portar bem, teu filho tem que agir de acordo com que condiz ao que ele é; se é menina tem que agir de uma forma, se for menino agir de outra e se não age alguma coisa no que tu educou teu filho falhou. E aí, além de ter pessoas pra ficar se metendo, tem pessoas que julgam, pessoas que apontam o dedo, pessoas que não estão interessadas em saber ou realmente ajudar. Então acho que ser uma boa mãe é sim uma coisa que é muita cobrada pela sociedade (22 anos, balconista, solteira).

Outra questão relevante encontrada nos relatos das entrevistas diz respeito a uma visão, ainda nos dias atuais, da mulher enquanto “histórica”. Isso em função de sua constituição corporal, encarada de forma biologicista e esquadrihada através da bioquímica dos hormônios, sendo que, através dela, sua essência enquanto mulher poderia ser relevada:

(...) Tem empresas que talvez deixem de contratar uma mulher (...) porque a mulher não tem o perfil que a empresa precisa, (...) a questão de ‘a mulher tem TPM, a mulher tem muita alteração hormonal’, uns argumentos meio toscos (22 anos, balconista, solteira).

Outro preconceito que eu vejo é essa questão da mulher ter sido interpretada como histórica. De ter esse preconceito de como essa mulher vai trabalhar, interagir, de ter que carregar alguns conceitos e alguns dogmas sobre o que é ser mulher, e também essa questão de submissão, que a gente sempre fica abaixo (22 anos, estagiária de psicologia, solteira).

Foucault¹² nos traz o fenômeno, ocorrido a partir do século XVIII, no qual quatro grandes conjuntos estratégicos desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo, sendo um deles a histerização do corpo da mulher. Este foi um tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado como corpo integralmente saturado de sexualidade, foi integrado, sob efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das

práticas médicas; e pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social, cuja fecundidade regulada deve assegurar, com o espaço familiar e com a vida das crianças, que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação: a Mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, constituiria a forma mais visível dessa histerização.

Além disso, as limitações relativas à mulher no trabalho fortalecem a imagem dessas trabalhadoras como problemáticas, pouco adequadas ou diferentes do modelo de trabalhador, sendo ele o paradigma dominante masculino, que pode dedicar-se integralmente ao trabalho, pois possui maior disponibilidade de tempo, sendo que alguém, uma mulher (esposa, companheira, mãe, irmã, filha), cuida dele. As limitações atribuídas às mulheres no trabalho são traduzidas como parte de uma “natureza feminina” menos capaz e apta ao trabalho remunerado ou com a necessidade de privilegiar o homem no contexto profissional, porém essas são justificativas e artimanhas da organização de papéis de gênero construída num paradigma discriminatório¹³. Essa questão aparece no relato de uma das entrevistadas:

O homem tem (responsabilidades), só que acontece que o homem é casado com uma mulher (risos) (22 anos, balconista, solteira).

III- A mulher e os imperativos culturais: ideais de beleza, lutas feministas e construções de gênero

Em relação ao atravessamento por imperativos sociais, o relato de uma das mulheres acerca da imposição de um ideal de beleza social demonstra que as mulheres, assim como nos trazem Silva e Rey¹⁴, por estarem inseridas na cultura, têm como referência os valores estéticos que apontam o que é uma mulher bela. Entretanto, o que determinará qual função este ideal de beleza exercerá sobre seu psiquismo está relacionado à sua experiência particular de constituição psíquica, ou seja, à relação com as figuras parentais, à construção do seu eu ideal e posterior ideal de eu, à passagem pela castração e a sua elaboração. Essa vivência singular parece ser decisiva na forma de cada mulher posicionar-se diante de sua própria

imagem e no quanto e como se investe nessa imagem para que ela possa pronunciar-se como mulher. Vejamos o relato de uma das mulheres ouvidas:

O padrão de beleza é uma pedra e a gente vive tropeçando nessa pedra. Essa pedra é irremovível, a gente tem que conviver com essa pedra e tentar produzir com essa pedra (...), enxergar até outros caminhos. Então a gente tem que tentar o tempo inteiro desconstruir que existe um padrão de beleza fixo que a gente tem que seguir (...). Eu acho que esse padrão de beleza adoce muito a gente porque essa pedra machuca muito a gente (...), porque a gente não consegue vencer, é muito pesada essa carga (22 anos, estagiária de psicologia, solteira).

O movimento feminista também foi um tema comum nas entrevistas realizadas. Entretanto, aparece aqui como uma herança do campo do feminino: uma luta por direitos pelas gerações anteriores e que, para a geração atual, aparece como um questionamento do que fazer e de como honrá-los, mostrando-se como uma incumbência para as mulheres:

Tipo, a mulher lutou muito pra ter o lugar que ela tem hoje e se pensar por esse lado sim, tem uma cobrança, porque as mulheres lutaram e agora a gente não vai fazer nada, sabe? (22 anos, desempregada, casada).

Eu acredito que pra mulher é ainda mais porque a gente tem que reafirmar que a gente é boa, que a gente tá merecendo isso, esse espaço nesse mercado. (...) Porque não é um fato que foi nos dado de graça, foi um fato muito lutado pra ser conquistado. Então acho que a mulher se sente nesse lugar de ter que conquistar algo pra dizer 'não, é por mim e por outras', (...) então a gente carrega isso na nossa história (22 anos, estagiária de psicologia, solteira).

Dentro desta categoria, foi possível observar também o sexismo como outro atravessamento sofrido pelo campo do feminino em sociedade e, mais especificamente, no campo laboral:

É também a representação de uma certa fragilidade (...) É buscar o respeito independente do que tá vestindo. É ser respeitada (22 anos, balconista, solteira).

Eu acho que ainda tem muito preconceito (...). Que geralmente os homens acham que as mulheres são inferiores, que eles são mais capazes. Só que na verdade não é isso, eu acho que a mulher é bem competente (...) (55 anos, vendedora, casada).

(...) Elas são vistas mais como concorrentes e isso é perigoso, né? (...) Perigoso para os homens, eu acho, que eles podem se sentir, de certa forma, amedrontados ou com a sua masculinidade em risco (22 anos, estagiária de psicologia, solteira).

Sobre a questão da fragilidade, destaca-se que esta característica, vista historicamente como intrínseca do feminino, foi apontada apenas por uma das entrevistadas. Segundo Bóris e Cesídio¹⁵, diante de transformações socioculturais e históricas, mesmo que atualmente permaneça parcialmente a ideia de que a mulher é um ser frágil, que precisa se protegida e que ainda assume as funções de procriação e de cuidado com sua prole; ela se apresenta como um ser em constante construção, na busca da realização de suas potencialidades, sendo capaz tanto de crescer profissionalmente quanto de assumir os papéis de mãe e de dona de casa, ou seja, de assumir diversos papéis, além de se sentir bonita e atraente para si mesma e na relação com o homem. Assim, as transformações ao longo da história permitiram que a mulher adquirisse novas experiências concretas na sociedade.

Considerações finais

A dimensão do gênero constitui-se como um efeito de linguagem produzido e gerado a partir de discursos socioculturais. Na pós-modernidade não mais se sustenta a visão convencional pautada em uma percepção de sociedade que se caracteriza pela divisão social do trabalho, baseada na visão biologicista, que situa o homem no espaço público e confina a mulher no espaço privado do lar.

A presença das mulheres no mundo do trabalho cresceu exponencialmente nas últimas décadas, levando a uma cobrança de conciliação entre os desejos femininos e as demais exigências sociais por parte da mulher. Porém, como foi relatado nesta pesquisa, a lógica da divisão sexual do trabalho e discursos discriminatórios proferidos socialmente em relação a aspectos do campo do feminino, como constituição biológica e maternidade, aparecem na fala das entrevistadas.

Levando em consideração este cenário, os resultados da pesquisa puderam demonstrar que as mulheres ouvidas consideram o trabalho como forma de afirmação de sua independência, sendo extremamente relevante para a construção da subjetividade e autoestima femininas.

O estudo apontou que essas mulheres são atravessadas por discursos socialmente construídos de gênero, que suscitam, ainda nos dias de hoje, valores patriarcais que promovem que homens e mulheres não partilhem de atividades profissionais e cuidados com o lar e a família de forma igualitária.

Percebe-se que a escolha pela dedicação ao trabalho não exclui o desejo pela vivência da maternidade, porém permanece um impasse para muitas mulheres de como conciliar essas duas experiências de forma satisfatória, levando-as ao adiamento cada vez maior da constituição de uma família.

Além disso, a demanda por uma perfeição nas diversas áreas de atuação femininas, como ser uma boa mãe, ser bonita e ter uma carreira profissional, se mostrou presente nos discursos das entrevistadas, sendo considerada uma cobrança social relevante e fonte de sofrimento para muitas mulheres.

Por fim, destaca-se que as garantias legais existentes para as mães trabalhadoras promovem os papéis sociais de gênero da mulher enquanto mãe e cuidadora do lar. Assim,

sugerem-se maiores pesquisas e debates públicos não apenas para a realização de mudanças em relação ao sexismo presente na sociedade, mas também para uma maior pressão social, em busca de mudanças legais acerca da licença maternidade e paternidade. Desta forma, se visa a desconstrução do paradigma da divisão do trabalho, o que possibilitaria uma melhor conciliação pelas mulheres entre o trabalho e a maternidade em proporção de igualdade com os homens e sem abdicar de oportunidades profissionais.

Referências bibliográficas

1. Araújo C, Scalon C. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. RBCS. 2006; 21(62):45-68. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbsoc/v21n62/a03v2162.pdf> [2018 mai 6].
2. Barbosa PZ, Rocha-Coutinho ML. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. Psicologia Clínica. 2007; 19(1):163-185.
3. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 1977.
4. Boris GDJB, Cesídio MH. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Revista Mal-estar e Subjetividade. 2007; 7(2):451-478. Disponível em <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/download/1594/3576> [2018 mai 6].
5. Caixeta J, Barbato S. Identidade feminina - um conceito complexo. Paidéia. 2004; 14(28): 211-220. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/10.pdf> [2018 mai 6].
6. Chies P. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. Estudos Feministas. 2010; 18(2):507-528. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/S0104-6X2010000200013/13664> [2017 set 10].
7. Foucault M. História da sexualidade I: A vontade de saber. 16. ed. São Paulo: Edições Graal; 1988.
8. Gil A. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas; 2008.

9. Jablonski B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*. 2010; 30(2):262-275. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n2/v30n2a04.pdf> [2018 jun 10].
10. Nunes A. Afinal, o que querem as mulheres?: maternidade e mal-estar. *Psicologia Clínica*. 2011; 23(2):101-115. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v23n2/07v23n2.pdf> [2017 ago 10].
11. Santaella L. Mulheres em tempos de modernidade líquida. *Comunicação & Cultura*. 2008; (6):105-113. Disponível em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10421/1/06_05_Lucia_Santaella.pdf [2018 mai 13].
12. Silva H, Rey S. A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico. *Psicologia: ciência e profissão*. 2011; 31(3):554-567. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n3/v31n3a09.pdf> [2017 ago 10].
13. Smeha L, Calvano L. O que completa uma mulher?: um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. *Psicologia Argumento*. 2009; 27(58):207-217. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/19849/19151> [2018 mai 6].
14. Turato E. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*. 2000; 2(1):93-108. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/287/28720111.pdf> [2017 nov 30].
15. Vieira R. Mulher, trabalho e maternidade: análise do sexismo presente no direito do trabalho brasileiro como barreira à igualdade de gênero. In: *Anais do 10. Seminário Internacional Fazendo Gênero - Desafios Atuais dos Feminismos*; 2013; Florianópolis, Brasil. Florianópolis: UFSC; 2013. p. 1-12. Disponível em http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373336689_ARQUIVO_Trabalhocompleto_ReginaStelaCorreaVieira.pdf [2018 mai 19].